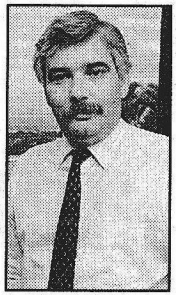
Brasília faz bem ao País

Carlos Zarur



Muito oportuna a matéria do jornalista Roberto Pompeu de Toledo sobre Brasília, intitulada "A Capital da Suspeita", publicada na revista ***Veja****. Oportuna, por nos despertar para o fato de que as resistências a Brasília, vencidas anteriormente, que todos acreditávamos derrotadas e desmoralizadas, estão raivosamente, ao bom estilo da velha UDN, vivas e articuladas, como o nazismo que renasce na Alemanha unificada ou na Rússia "capitalista".*

O jornalista, com sua pena destra, pergunta ao leitor se Brasília faz bem ou mal ao País. Antes, porém, abre a matéria comparando a cabeleira da Medusa, com suas "serpentes enlouquecidas", com os tobogãs dos clubes, bem servidos de piscinas, da AABB e do Banco Central. O autor do artigo entende bem dos cabelos venenosos da Medusa e de seus enigmas, tanto quanto de Brasília. Coloca esses clubes na Praça dos Três Poderes. Isto seria como colocar a Lagoa Rodrigo de Freitas no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro.

Falando de clubes e de corporativismo estatal, gostaríamos de lembrar que a sede das principais empresas estatais, que mais simbolizam o corporativismo, estão situadas no Rio de Janeiro. É o exemplo da Petrobrás, que aliás, mantém um belo clube, na Barra da Tijuca, além da sede social no luxuoso ex-Hotel Serrador; o BNDES, a Vale do Rio Doce, Eletrobrás, Furnas, Nuclebrás, Embratel, entre outros, todas mantendo clubes no Rio de Janeiro. Cremos que já é hora de pensarmos na mudança dessas empresas para Brasília, onde ficarão mais perto do Tribunal de Contas da União e do controle governamental.

Ainda sobre clubes, grande preocupação do artigo, lembramos que eles existem há muito tempo. As grandes e históricas sedes dos clubes militares no centro do Rio e suas sedes atléticas, como a do Clube Naval, na Lagoa Rodrigo de Freitas, ou a do Clube do Exército, bem em frente ao Parque Lage, demonstram que no Rio, quando capital, apesar de toda a praia, os clubes, com suas cabeleiras de Medusa, já existiam, não sendo, essa, portanto, uma característica de Brasília.

Abandonando os clubes e seus tobogãs enlouquecidos como serpentes, continuamos analisando o artigo, até chegarmos ao depoimento de Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda, que foi aluno aplicado da Faculdade do CEUB, aqui em Brasília. Argumenta ele que o "Estado expôs-se muito mais às pressões, tornando-se refém dos ***lobbies*** *dos corporativismos, dos interesses setoriais e regionais". Esquece-se o ex-ministro de que a palavra* ***lobby*** *nasceu nos Estados Unidos, em Washington, no início do século, quando os representantes de interesses diversos encontravam-se nos* ***lobbies*** *dos hotéis vizinhos da Casa Branca. Procedimento que não nasceu com Brasília. O ex-ministro afirma que aqui em Brasília todos moramos no mesmo lugar. Poucos funcionários podem morar no Lago Sul, como ele morava, por isso não é verdade que todos vivemos tropeçando um nos outros em um único bairro.*

A matéria continua citando o historiador Luiz Felipe de Alencastro, que se esqueceu da história. No Rio, a imprensa não era crítica como afirma o professor, era tutelada pelos grupos políticos de interesse. Exemplo: ***Última Hora****, montada por Getúlio, para que Samuel Wainer o elogiasse dia e noite, enquanto Carlos Lacerda o desancava controlando o jornal* ***Tribuna da Imprensa****. Jornais dependentes de grupos políticos e econômicos. Antes, o famigerado DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), ditava as matérias que os jornais do Rio e de São Paulo publicavam em pleno Estado Novo.*

O mais inacreditável, porém, está no ponto em que o artigo afirma que "Brasília é também a cidade onde os mais ricos são, na média, mais ricos que em qualquer lugar do País". Cita diversos dados que, se confirmados, nos levam a dois caminhos: ou o articulista não inclui, na categoria de pessoas, industriais e empresários, ou a Receita Federal tem boa pista para levantar novos sonegadores.

O povo em Brasília sempre participou, desde a inauguração da cidade, em 1960, de muitos acontecimentos como do enterro de Juscelino, cujo esquife foi arrancado pela multidão de cima do carro do Corpo de Bombeiros, que tinha ordem de correr para que não houvesse manifestações. Isso, em pleno regime militar. Participou de fatos políticos, entre tantos outros, como a renúncia de Jânio, o discurso de Márcio Moreira Alves, a resistência dos estudantes na Universidade de Brasília e mais recentemente o buzinaço em favor das "diretas já", e dos "caras pintados" que invadiram o gramado do Congresso exigindo o impeachment de Collor — jovens nascidos em Brasília, que protagonizaram a última grande manifestação popular deste País.

Brasília não votou em Collor. Esta cidade foi uma das poucas em que o ex-presidente cassado por corrupção foi derrotado, ao contrário, por exemplo, de São Paulo, que lhe deu expressiva vitória.

Brasília não é culpada. Como Washington e outras capitais planejadas, representa a Nação. Aqui está a síntese do País. Aqui tendências e cores de todos os estados se juntam no complexo quebra-cabeça federativo que é o Brasil.

■ **Carlos Zarur é jornalista da Presidência da República**